



OS DISCURSOS SOBRE A ORIGEM DO HOMEM: DO MITO PARA A CIÊNCIA

Gladis Adriane Vitorino Vargas Bueno³ - PG/UEMS/NEAD

Resumo: Durante muito tempo os mitos eram utilizados para explicar os fenômenos, nessa época basicamente tudo era explicado e tinha suas origens na mitologia. Fenômenos como um raio, por exemplo, eram tidos como uma manifestação da ira de Zeus, o comandante de todos os outros deuses. E foi assim durante muito tempo até o momento que se deu a queda do mito pelos gregos, foi quando começaram uma fase filosófico- científico, onde passaram a fundamentar, a questionar, a criticar e até corrigir pensamentos. O pensamento filosófico como ciência não rompeu de maneira imediata com o pensamento mítico, ele ainda influenciou muitos filósofos em outros séculos.

Palavras-Chave: Origem do Homem, Ciência, Mito, Discurso

Introdução

Analisar o discurso sobre a origem do homem partindo do mito para a ciência leva-nos a refletir sobre as várias teorias formuladas a fim de responder perguntas do tipo: de onde viemos e quando começamos a nos espalhar pelo mundo.

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de relação de sentidos. [...] Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2015, p. 39).

Durante muito tempo os mitos eram utilizados para explicar os fenômenos, nessa época basicamente tudo era explicado e tinha suas origens na mitologia. Fenômenos como um raio, por exemplo, eram tidos como uma manifestação da ira de Zeus, o comandante de todos os outros deuses. E foi assim durante muito tempo até o momento que se deu a queda do mito pelos gregos, foi quando começaram uma fase filosófico- científico, onde passaram a fundamentar, a questionar, a criticar e até corrigir pensamentos. O pensamento filosófico como ciência não rompeu de maneira imediata com o pensamento mítico, ele ainda influenciou muitos filósofos em outros séculos.

Essa ciência antiga era baseada na lógica e na demonstração de verdade, sem considerar a observação e a experiência, era um corpo de verdades teóricas universais, de certezas definitivas,

³ Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues UEMS – Campo Grande.



que não admitiam erros, mudanças ou crítica. O novo período – Idade Moderna – vai significar uma ruptura com essa concepção de mundo dogmática.

A ruptura pode ser eficaz para explicar o processo do conhecimento tanto no domínio do individual, como propõe Bachelard (1938)– embora ele não se refira somente a esse aspecto, na medida em que romper com o senso comum, com a experiência quotidiana e com diversos “mitos” é condição de acesso ao pensamento científico-quanto no domínio dos diversos campos, já que romper com o estágio anterior, seja ele já científico ou “ainda” ideológico, é condição necessária ora da cientificidade, ora da implantação de determinada teoria. (MUSSALIM, BENTES, 2005, p. 354).

Após essa ruptura na filosofia, houve um período marcado por grandes transformações. Estas transformações e o desenvolvimento da ciência moderna levaram o homem a questionar os critérios e os métodos usados para aquisição do conhecimento verdadeiro da realidade. A oposição entre o antigo e o moderno faz surgir o problema e os conflitos entre teorias.

Assim, objeto deste trabalho é analisar os discursos sobre a origem do homem: do mito para a ciência (cultura ocidental). E o objetivo é compreender alguns dos funcionamentos do discurso da ciência em relação ao desenvolvimento do homem bem como algumas de suas teorias.

Já o *corpus* para nossa reflexão, diante das teorias apresentadas e da presença inegável dos mitos longo da história do homem, esse trabalho propõe abordar significados de discursos antigos, analisando as hipóteses acerca de como se deu a formação dos primeiros humanos. Pêcheux (1995) afirma que o sujeito não é origem de si mesmo, ele é marcado pela incompletude da vida, o que nos leva a investigar os sentidos de tais teorias.

Enquanto metodologia, a reflexão tem base bibliográfica e envolveu os discursos da ciência sobre a origem do homem utilizando documentários, revistas e artigos como fonte de pesquisa.

Brevíssima História

Ao longo de sua história o homem sempre buscou sentidos para que expliquem sua origem, e nesse caminho em busca de respostas não foi somente no discurso da ciência que encontrou respostas, mas, se apoiou em outros discursos como, por exemplo, o mito, o senso comum e a religião.

O conhecimento mítico, ou o Mito, trata-se de narrativas que geralmente tratam da origem do homem, do universo, sentimentos. O Mito tem caráter simbólico, ou seja, as narrativas contem



significantes, com isso o leitor tem que abstrair o significado destes para se chegar ao entendimento da narrativa. O Mito está bastante ligado à religião, então atribuem muitas das suas passagens a deuses, figuras mitológicas, etc.

O discurso do senso comum é visto como a compreensão de todas as coisas por meio que se adquire através de experiências vividas ou ouvidas do cotidiano. Incluem costumes, hábitos, tradições, normas, éticas e tudo aquilo que se necessita para viver bem. No senso comum não é necessário que haja um parecer científico para que se comprove o que é dito, é um saber informal que se origina de opiniões de um determinado indivíduo ou grupo que é avaliado conforme o efeito que produz nas pessoas.

O discurso da ciência tem como objetivo produzir sentidos naturais cada vez mais precisos de como o mundo natural funciona, quais os seus elementos, e de como o mundo chegou ao que é agora. A origem do homem do continente americano é um enigma a ser decifrado para a compreensão da evolução de nossa espécie, chamado pelos cientistas de *Homo sapiens*. Ao deixar a África, onde surgiu aproximadamente entre 200 mil e 100 mil anos, o homem primitivo deu início à sua dispersão territorial e colonizou novos continentes, adaptando-se a novas regiões de clima e recursos naturais variados.

Essa lacuna na história do desenvolvimento humano há muito tempo mobiliza arqueólogos, lingüistas, antropólogos físicos e sociais, biólogos e geólogos, que procuram conhecer a origem, as características e quando e como chegou à América a nossa espécie.

Porém, novos estudos em genética baseados na análise do DNA mitocondrial (mtDNA) e do cromossomo Y de populações indígenas americanas fornecem modelos alternativos sobre os grupos fundadores de novas culturas na América. No entanto, e cada vez mais, a investigação científica é realizada com o objetivo preciso de resolver um problema ou desenvolver tecnologias, e no decurso desse caminho, novos conhecimentos e explicações são adquiridos. Em qualquer dos casos (investigação chamada "pura" ou "aplicada"), a ciência visa acrescentar ao nosso conhecimento de como o mundo natural funciona.

O discurso produzido pela ciência está sempre aberto a questões e correções. Nenhuma ideia científica está "provada" para sempre. Porque não? Bem, a ciência está constantemente à procura de nova evidência, o que pode levantar incertezas acerca dos nossos conhecimentos atuais. Ideias que hoje aceitamos totalmente podem ser rejeitadas ou modificadas à luz de novas evidências descobertas amanhã.



A ciência tem um discurso objetivo, busca critérios, avalia, busca leis de funcionamento, reúne a individualidade existente em cada lei para formar uma só estrutura e isso sem procurar semelhança entre elas, se renova, se modifica e busca sempre se firmar no conhecimento comprovado em laboratórios.

Quadro formal

Segundo Orlandi (2015) a análise do discurso, não trata da língua, não trata da gramática, embora essas coisas sejam pertinentes a ela. Mas, ela trata do discurso. Visto que o homem só entra na vida pela língua, assim estudar o discurso nada mais é do que a prática de linguagem, onde a palavra está em movimento, quando o homem fala. Por meio desse estudo é possível conhecer melhor a capacidade do homem de significar e significar-se. A identidade não se constrói biologicamente e sim na língua, uma vez que, o homem simbólico derrama no homem biológico.

A análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção humana (ORLANDI, 2015, p. 15).

Para Pêcheux (1975) não há discurso sem sujeito em não há discurso sem ideologia, É no discurso é “lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia. O discurso atravessa o sujeito e o sujeito é interpelado pela ideologia. O sujeito e a língua são históricos, conseqüentemente o discurso é objeto sócio-histórico.

O sujeito é regido pelas ideologias, é mais forte viver a ideologia do que a prática social. M. Pêcheux (1995, p.134) resumiu o caráter ideológico da seguinte forma:

[...] a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura da desigualdade-subordinação do “todo complexo dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes.

Orlandi (2015, p. 20) argumenta que para a Análise do Discurso a língua tem ordem própria, a história tem o seu real afetado pelo simbólico e o sujeito de linguagem é descentrado por



ser afetado pelo real da língua e também pelo real da história, sem ter o controle da maneira como ambos os afetam. Fazendo com que o sujeito discursivo funcione pelo inconsciente da ideologia.

A AD atua como uma disciplina de entremeio entre a Linguística, Marxismo e Psicanálise fazendo-se na contradição dos três campos do saber, o sujeito entra no discurso para viver a vida e não o contrário, pois o discurso fala ao homem. Segundo M. Pêcheux o discurso é material, histórico e está sempre na relação com o sujeito.

O discurso pode ser definido como o efeito de sentidos entre locutores. Não se trata apenas de transmissão de informação e também não é linear, pois se tem um complexo processo de constituição do sujeito e produção de sentidos. As relações de linguagem são relações de sujeito e sentidos sendo os seus efeitos múltiplos e variados.

Analisar discursivamente um texto não significa apenas interpretá-lo, é preciso observar os gestos de interpretação que o constituem. Para Orlandi (2015, p.26) é necessário distinguir: a inteligibilidade, a interpretação e a compreensão.

A inteligibilidade refere o sentido da língua: “ele disse isso” é inteligível. Basta saber português para que esse enunciado seja inteligível; no entanto não é interpretável pois não se sabe quem é ele e o que ele disse. A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato. [...] No entanto a compreensão é mais que isso. Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já está preso em um sentido. A compreensão procura explicitação dos processos de significação presentes no texto e que permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo-se como eles se constituem.

A língua pode ser comparada a uma máquina de produzir discurso, e é onde sujeito torna-se conhecido: pela fala, ou seja, pelo seu discurso. A língua é sensível ao estado emocional, cada discurso tem sua característica própria, isso devido às condições de produção, que compreendem o sujeito e a situação. Que podem ser também influenciados pela memória, o contexto sócio-histórico e ideológico. Tudo o que nós somos é construído socialmente, ou seja, é uma construção social coletiva onde o sujeito é interpelado pela ideologia. E esse sujeito é sempre um indivíduo interpelado em sujeito.

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinado pela luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc) (PÊCHEUX, 1995, p. 147)



Um dos fatores que regula o funcionamento das condições de produção é a chamada relação de sentidos. Segundo ela, todo discurso se relaciona e tem continuidade, ou seja, uma aponta para outro. Para Pêcheux (1995, p148) toda formação discursiva dissimula pela transparência do sentido que nela se constitui.

Análise de Dados

Ao analisar discursivamente as explicações para a origem do homem, encontramos em vários campos de estudo e, nos deparamos com os mitos, eles estão por toda parte, sendo difícil negar sua importância, estando presentes na religião, na cultura, nos costumes e na origem de um povo.

O Mito

Podemos definir o discurso do mito como uma explicação de fatos atuais através de acontecimentos primordiais, que se encontram sempre presentes, sendo que pelo rito se faz a ligação do elo primordial.

Assim sendo, quando os mitos se referem aos acontecimentos primordiais estão nos trazendo explicações da época atual, pois esses acontecimentos ocorreram em determinados espaços e tempos sagrados. Sendo então, o mito uma necessidade e produção humana, uma necessidade do homem como sujeito histórico.

Na falta de uma documentação verbal para se pôr ao lado das pinturas rupestres e dos artefatos, podemos recorrer às narrativas de fábulas, que do saber daqueles remotos caçadores transmitem-nos às vezes um eco, mesmo que tardio e deformado. (GINZBURG, 1939, p. 151).

Os mitos são como uma dimensão vertical que se ergue sobre a dimensão horizontal dos fatos humanos. Os mitos levam a entender o tempo e o espaço cotidianos pelo espaço e tempo sagrados. Devido a isto, nas linguagens míticas os relatos sempre começam com a expressão “naquele tempo” ou “no princípio”, constituindo assim a sua formação discursiva e dando forma ao sujeito.



Para alguns o mundo é considerado como oriundo do caos e de um espaço não organizado até a formação do cosmo. Na história da humanidade, existem várias teorias e mitos sobre a origem do homem. Várias civilizações buscam repostas sobre sua origem e como se deu a formação dos primeiros humanos. Até mesmo povos que vivem isolados possuem uma estória primordial (ou mito) que os ajuda a se compreenderem trazendo significados à sua existência. O homem não olha diretamente para o mundo sem o uso da linguagem, pois é através da língua que o homem consegue significar-se, ou seja, dar sentido à sua existência.

Dentre vários mitos, um exemplo destes é o concernente à comunidade indígena dos *Kamaiurás*, que habitam na região centro-oeste do Brasil. Em seu discurso *mítico*, eles contam que a origem do primeiro homem aconteceu da seguinte maneira:

No princípio só existia Mavutsinim que vivia sozinho na região do Morená. Não tendo família nem parentes, possuía apenas para si o paraíso inteiro. Um dia sentiu muito, muito só. Usou então de seus poderes sobrenaturais, transformando uma concha em uma linda mulher e casou-se com ela. Tempos depois nasce seu filho. Mavutsinim sem nada explicar levou a criança à mata, de onde não mais retornaram. A mãe desolada voltou para a lagoa transformando-se novamente em concha. Apesar de ninguém ter visto a criança, os índios acreditam que do filho de Mavutsinim tenham se originado todos os povos indígenas. Foi também Mavutsinim quem criou de um tronco de árvore a mãe dos gêmeos Sol-kuat e Lua-laê, responsáveis por vários acontecimentos importantes na vida dos xinguanos, antes de se tornarem astros.

Observamos ainda outro discurso na tradição cristã:

No princípio Deus criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: "Haja luz", e houve luz (Gênesis 1:1-3).

Assim Deus criando todas as coisas, criou Deus os astros e as estrelas, separou a noite do dia, fez separação das águas e da terra, nas águas criou todos os animais marinhos, e na terra criou a natureza, e seus animais. E por último Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. O homem foi criado por Deus da seguinte forma:

Ainda não tinha brotado nenhum arbusto no campo, e nenhuma planta havia germinado, porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e também não havia homem para cultivar o solo. Todavia brotava água da terra e irrigava toda a superfície do solo. Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente. (Gênesis 2:5-7)



Estes discursos possuem características semelhantes em sua elaboração, ambos possuem uma tríade criadora, onde a água é fator primordial para a criação. Também mostra que a criação foi uma necessidade diante de uma solidão e demonstra nos seres criados uma necessidade de criar.

A Ciência

Durante muito tempo o discurso do mito foi suficiente para explicar a dimensão do homem, mas, quando os gregos entraram em crise depois de descobrir outros deuses e outras verdades, começam a ver o mundo de outra forma, é quando surge a Filosofia como ciência, que fala ao homem. Para Orlandi (2015, p.51):

Com a transformação das relações sociais, o sujeito teve de tornar-se seu próprio proprietário, dando surgimento ao sujeito-de-direito com sua vontade e responsabilidade. A subordinação explícita do homem religioso dá lugar à subordinação menos explícita, do homem às leis: com seus direitos e deveres, daí a idéia de um sujeito livre em suas escolhas, o sujeito do capitalismo. A crença na Letra (submissão a Deus) dá lugar à crença nas Letras (submissão ao Estado e às Leis).

Ao analisar a ciência discursivamente descobrimos importantes contribuições para o estudo da dimensão do homem, uma vez que, a AD visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos do domínio simbólico, pois interfere no real do sentido (ORLANDI, 2015). Haja vista que o homem é um ser de interpretação e que sua identidade não se constrói biologicamente, ao depararmos com questionamentos que não são respondidos de forma satisfatória pela ciência, buscamos na linguagem respostas para tais inquietações.

O conhecimento não é separado do todo que a produz (...) não se pode separar o conhecimento do homem de todo o seu complexo neurológico, do seu entendimento, das suas limitações, pois é este todo que vai produzir e fazer avançar o conhecimento. É, pois devido ao fato de haver limitações humanas ao conhecimento absoluto que tornam esse conhecimento relativo a determinados contextos, quer físicos (do próprio homem), quer espaciais e temporais. (REGO, 2016).

Existem muitas perguntas que ainda continuam sem explicação, o discurso da Teoria da evolução pela seleção natural, de Charles Darwin em 1859, não explica como os Hominídeos



tiveram suas características alteradas em um curto espaço de tempo se tornando *Homo sapiens*, há uma lacuna no decorrer desse processo que ainda não foi explicada pela ciência.

Essa lacuna existente na história do homem e sua origem permitem-nos o acesso a diferentes discursos teóricos elaborados ao longo da história. Segundo uma pesquisa publicada em dezembro de 2004 pela University of Chicago, teoria a inteligência humana não foi só consequência da evolução, em algum momento da história os genes do homem passaram por uma mudança brusca, o que eles chamaram de “Big Bang” cerebral.

Pesquisas como da Universidade de Cambridge (Grã-Bretanha) derivamos de uma espécie que surgiu na África há 150 mil anos, antes de começar as migrações que levaram a raça humana a dominar a Terra, mas também não conseguiu explicar como surgiu essa espécie nem tão pouco como se espalhou para as mais diferentes regiões do globo terrestre.

Teoria dos Antigos Astronautas

Muitos são os discursos acerca do assunto. Dentre eles temos a teoria dos antigos astronautas ou dos astronautas do passado, que utilizou as narrativas antigas como base de pesquisa, mostra vestígios importantes que podem servir de base para compreender as relações de sentidos construídos no discurso dessa teoria.

Essa teoria tem como principal foco de debate e análise, a possível influência extraterrestre no passado da história humana, que pôde de diversas formas ter contribuído para o desenvolvimento das antigas civilizações, de culturas, de saberes, e até mesmo da própria origem humana. Esse tema é assunto do documentário “Alienígenas do Passado” que apresentam também desenhos antigos de estranhas criaturas, encontrados em cavernas, substâncias químicas desconhecidas pelo homem e avistamentos contínuos no mundo inteiro que levanta vários questionamentos e tenta dar explicações para a origem do homem.

Na verdade nenhuma ciência pode abster-se de abstração, mesmo quando ela, na sua “prática” (que não é, tenhamos cuidado, a prática teórica dessa ciência, mas a prática da sua *aplicação* concreta) trata apenas dessas variações singulares e únicas que são os “dramas” individuais. (ALTHUSSER, 1918, p.66).



A existência de seres alienígenas ou extraterrestres se tornou especialmente presente na cultura popular a partir da segunda metade do século XX. Foram muitas as teorias, muitos os relatos e muitas associações humanas que surgiram para dar mais amplitude ao tema na sociedade. De todo modo, a Astronomia evoluiu muito também nas últimas décadas e a ciência nos revelou muitas verdades sobre o universo.

Na década de 1960, o escritor suíço Erich von Däniken ajudou a popularizar a Teoria dos Astronautas Antigos através de seu muito bem sucedido livro “Eram os Deuses Astronautas?”. A obra foi publicada em 1968 e se tornou um best seller com suas teorias sobre o paleocontato, ou seja, o contato de civilizações extraterrestres com nosso planeta muito tempo atrás. O argumento de Däniken se baseava em artefatos e construções monumentais de origem e propósitos desconhecidos encontrados na Terra, em iconografias antigas que permitem interpretações sobre criaturas não-humanas e suas tecnologias, e em possíveis contatos com seres extraterrestres na origem de muitas religiões.

Conclusão

Ao analisar discursivamente a origem primitiva do homem (americano) conclui-se que permanece um mistério para a ciência. Os pesquisadores que procuram desvendá-la dispõem de escassas evidências e utilizam diferentes bases de referência metodológica (lingüística, arqueológica, antropológica, genética etc), que são difíceis de serem encaixadas num mesmo modelo teórico.

E é nesse ambiente de mistério que o discurso mítico se encaixa, por mais estranho e confuso que possa parecer, para alguns são as únicas referências que eles tem para dar explicações a cerca do seu passado. Buscam nele relações de sentido que possam fazer entender o presente e conduzir ao futuro. Não se pode, de forma alguma, desconsiderar um mito, pois ele sempre está indicando uma possível verdade sobre a nossa origem e formação. Visto o homem ser um ser histórico, logo, um homem sem passado é um homem sem futuro.

O que temos, em termos de real do discurso, é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto no sujeito como no sentido. De outro lado, a nível das representações, temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição, na instância do imaginário. É por essa articulação necessária e sempre presente entre



o real e o imaginário que o discurso funciona. É também dessa natureza a distinção (relação necessária) entre discurso e texto, sujeito e autor. (ORLANDI, 2015, p.74).

No esforço de cumprir a sua missão e encontrar uma ordem no caos do mundo, os discursos dos mitos e teorias científicas operam segundo o mesmo princípio. Trata-se sempre de dar sentido ao mundo visível por forças invisíveis, de articular o que se observa com o que se imagina. Mítica ou científica, a representação do mundo que o homem constrói tem sempre grande parte da sua imaginação.

O conhecimento não pode ser isolado, separado do todo que o produz, todavia, a importância que hoje damos à ciência e aquilo que hoje se considera como sendo ciência, é o resultado de um longo processo evolutivo que tem as suas raízes históricas no pensamento mítico-religioso, e que traduz o modo como o homem ocidental se relaciona com o mundo à sua volta. Em certo sentido, podemos mesmo dizer que as características da ciência acabam por se clarificar no confronto com essas atitudes mitico-religiosas e face ao contexto cultural em que ela se foi afirmando historicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan. Marx e Freud:** introdução crítica-histórica / Louis Althusser; tradução e notas Walter José Evangelista; revisão Alaíde InahGonzales. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

Bíblia Sagrada. (Tradução de João Ferreira de Almeida) 2ª Edição. São Paulo: Editora Vida / Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Documentário: **A criação do homem** Alienígenas do Passado. 2014. Visto em 10/12/2016. Proveniente: <https://www.youtube.com/watch?v=jYpr4ldSN7g>

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** São Paulo 1989.

ORLANDI, Eni. P. **Análise do Discurso: Princípios & Procedimentos.** Campinas: Pontes, 2015.

MUSSALIM, BENTES. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos,** volume 3. São Paulo : Cortez, 2005.

PECHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** / Michel Pecheux; tradução Eni Puccineli Orlandi [et al]. Campinas: UNICAMP, 1995.



REGO, Pedro. **Relações entre mito e ciência.** Disponível em:
<http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/viewFile/1058/848>. Acesso em: 05 de Nov de 2016.